

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A voz que nos chama
rebenta do chão
que as mãos fecundaram
pela força do verbo.

Igual à semente
que a chuva amacia
transforma-se em rama
urgente em dar pão.

Ruy Duarte de Carvalho

No primeiro capítulo desta pesquisa, comentamos que a mestiçagem era a grande ameaça ao princípio de unidade preconizado pelo discurso colonial. E que, sendo um defensor da reprodução da realidade europeia no território conquistado, Próspero acreditou ter triunfado por não ter deixado em sua ilha descendentes mestiços, filhos de sua filha Miranda com Caliban. No entanto, o personagem se esqueceu de que, enquanto ensinava “paternalisticamente” Caliban a falar e a se comportar como um europeu, o escravo, acreditando nas boas intenções do duque, também lhe ensinou sobre sua terra.

Em um processo de interação cultural, portanto, Próspero se adaptou às necessidades exigidas pelo novo meio: calibanizou-se. Caliban, de igual modo, já não se mostrou mais o mesmo a partir do encontro com o colonizador: prosperizou-se. Isso porque o encontro colonial modifica tanto os envolvidos de forma direta em seu processo, como aqueles a quem o discurso colonial relega ao silenciamento. Afinal, silenciar, no contexto colonial, é também uma forma de demarcar papéis sociais: quem tem prestígio e quem não tem, quem é influente e quem não é, quem pode mandar e quem não pode, e assim por diante.

Neste sentido, qualquer escrito que contemple o continente africano ou um de seus países, ainda que seja produzido por uma ótica africana, necessariamente dialoga com representações criadas pela colonização. Nesse processo, para recriar a imagem do continente outrora construída segundo uma visão colonial, o autor africano devora a construção antiga, revelando ao mesmo tempo o que herdou do

colonizador e o que manteve da experiência de colonizado. Torna-se “Um filho de Próspero”.

Isso não significa, contudo, que escritores como Ruy Duarte de Carvalho compartilhem da visão apresentada em *A tempestade*. A afirmação antes alude ao processo antropofágico – e por que não dizer calibânico? – de devoração do legado estrangeiro para a produção de uma visão própria. Nesse processo de “devoração”, soma-se ainda a constatação de que “a diversidade epistêmica do mundo é potencialmente infinita, pois todos os conhecimentos são contextuais e parciais. Não há nem conhecimentos puros, nem conhecimentos completos; há constelações de conhecimentos” (SANTOS, 2006, p. 154).

Nas narrativas de Ruy Duarte de Carvalho, portanto, em vez das oposições colonizador x colonizado, negro x branco, superior x inferior, o que se valoriza são as múltiplas possibilidades surgidas a partir dos contatos culturais. Desse modo, a concepção tanto do processo colonial como das identidades nacionais surgidas ao findar da colonização se altera, abrindo-se espaço para novas formas de pensar que levem em conta uma descolonização dos saberes. Descolonizar os saberes implica inclusive entender que, se a narrativa da nação foi produzida em resposta ao discurso do colonizador, isso não significa que a nação deva ser explicada unicamente em função da colonização.

No caso angolano, por exemplo, é inegável que a colonização tenha deixado marcas históricas, sociais e econômicas profundas. Porém, falar de Angola significa também considerar práticas sociais e acontecimentos históricos que dizem respeito a determinados grupos étnicos angolanos e que são frequentemente considerados eventos menores por não aparecerem nitidamente articulados ao processo de “construção” nacional.

Restringir o estudo literário tomando como eixo apenas categorias vinculadas ao Estado-nação, sobretudo quando se estuda a África (continente cujos atuais países até poucas décadas atrás eram ainda colônias européias), revela-se uma mutilação do ponto de vista epistemológico. É igualmente necessária a existência de um modo de compreensão histórica que, sem desconsiderar os paradigmas europeus, deixe de colocá-los em uma posição central.

Nas palavras de Ruy Duarte de Carvalho:

[...] onde quer que se verifiquem *diferenças sócio-culturais que distinguem grupos produtores e receptores* de uma memória social dentro de um mesmo projecto de *integração regional ou estatal das populações, existem, ou coexistem, diferentes narrações de referencialidade e cronicidade locais, diferentes maneiras de construir continuidades* que geram assim a *simultaneidade de diferentes histórias, de diferentes temporalidades, de diferentes maneiras de temporalizar* o passado dentro de um mesmo território inscrito nas problemáticas de uma geografia política actual. *Múltiplas memórias*, assim, a que *correspondem múltiplas narrativas*, cada uma delas tendendo a constituir-se, localmente, como uma *memória emblemática* diferenciada da *memória hegemónica* no seio da formação política nacional com que se articulam. Expressões portanto de um *pensamento social* cuja *percepção* advém da produção de *imagens e de representações sociais* que procuram *criar uma realidade que valide as previsões e explicações decorrentes dessa representação*. (2008, p. 83-4, grifo do autor)

No início deste novo milênio, constata-se que a marginalização sobre a qual o escritor discorria em sua primeira narrativa, de 1977, ainda não foi extirpada. Angola ainda é percebida como periferia no mundo, enquanto o sudoeste angolano ainda é visto como periferia dentro de Angola. O que Ruy Duarte de Carvalho busca, de modo geral, em suas narrativas, é então o rompimento dos silêncios, por meio da exposição do sudoeste angolano a partir de de olhares que se distanciam da visão veiculada pelo poder colonial português, bem como da perspectiva difundida pelo Estado Nacional Angolano.

Assim, é por meio da valorização de narrativas e de práticas culturais raramente contempladas (mesmo por muitos daqueles que vivem em Angola) que o autor conduz o leitor a uma desautomatização de seu olhar, de modo a incentivar uma percepção histórica diferenciada. É uma forma de demonstrar que, embora sejamos todos “filhos de Próspero”, não há só um tipo de tempestade e nem sempre ela serve ao desejo de mando do colonizador. Há chuvas que favorecem o plantio, o desenvolvimento do solo, que geram bons frutos.